

**ALGUMAS CONJECTURAS SOBRE A MORTE EM  
“GRANDE SERTÃO: VEREDAS”  
SOME CONJECTURE ABOUT THE DEATH IN “THE  
DEVIL TO PAY IN THE BACKLANDS”**

*Tatiana Machado Boulhosa\**

**Resumo:** *Grande Sertão: Veredas* é o tipo de obra cuja multiplicidade intrínseca garante a existência quase que retroalimentada de análises a partir dos mais diversos pontos de vista. Autores de renomada competência já ofereceram olhares psicanalíticos, literários e religiosos que compõe o mosaico construído ao redor da obra prima de Guimarães Rosa. Este trabalho segue essa última linha, a das interpretações a partir das inflexões religiosas que permeiam a obra. De maneira ainda mais específica, ele percorre o caminho das imagens e dos símbolos que se ligam à morte. Para isso, procuramos antes traçar algumas considerações, ainda que superficiais, sobre a morte, em si, dentro da lógica da cultura popular. Isso porque, embora a morte seja um denominador comum da humanidade, esse não é o caso do morrer, que, entendido quanto às maneiras de lidar com a morte, se constrói e se solidifica nas fronteiras da cultura e, portanto, assume diferentes formas. A partir disso, veremos então que, em *Grande Sertão: Veredas*, as mortes são tão parte do enredo que nem sempre chocam ou fazem pensar no mórbido, mas são sempre tão encaixadas e ricamente contadas que não se pode ignorá-las ou deixar de se questionar sobre seus significados.

**Palavras-chave:** *Grande Sertão: Veredas*, morte, religiosidade e espiritualidade, símbolos.

**Abstract:** *Grande Sertão: Veredas* is the kind of work that carries in itself such a multiplicity that it ensures the existence of a nearly self reproductive batch of analysis from several point of views. Renowned authors have already offered comprehensions from psychoanalytical, literary and religious point of views that help composing the mosaic that surrounds Guimarães Rosa masterpiece. This paper follows this last line, the one that derives from religious inflections that embed the story. More specifically, it follows the images and the symbols that relate to death. In order to do so, firstly we must trace some considerations, albeit superficial, about death in itself, within popular culture. That is due to the fact that, although death is a common denominator to humanity, this is not the case with dying, which understood as a way to deal with death, is built and solidified in the borders of cultures and, therefore, it takes on different forms. From that, we'll see then that, in *Grande Sertão: Veredas*, the deaths are such an everyday part of the

---

\* Doutoranda em Ciências da Religião pela PUC-SP.

narrative that they not always choc or give reason to think about the morbid, but are always so well tuned and finally told that they can't be ignored or not questioned about their meanings.

**Keywords:** *Grande Sertão: Veredas*, death, religiosity and spirituality, symbols.

## UMA INTRODUÇÃO QUASE EM PRIMEIRA PESSOA

*Grande Sertão: Veredas* (GSV) é o tipo de obra que assusta pelo simples tamanho. Principalmente porque vem acompanhada pelo nome de seu autor, João Guimarães Rosa. Desde o Ensino Médio que se descobre não ser esse um dos autores mais simples da língua portuguesa. Aliás, mesmo que as preferências pessoais não lhe deem o primeiro lugar entre os melhores, certamente ele entrará — provavelmente ao fim da leitura de *Primeiras estórias* — para o rol dos mais complexos.

As primeiras páginas também não ajudam. Aliás, assustam. A linguagem e as imagens evocadas se afirmam descoladas da realidade urbana em que a leitura é feita e a narração segue os meandros do pensamento do narrador que, ainda sem certeza de como contar sua história, interpola assuntos como que embaralhando cartas. Entretanto, aos poucos os olhos se acostumam. Na verdade, melhor seria dizer os ouvidos. Sim, porque ler GSV é se lançar a uma aventura sinestésica. A história de Riobaldo é mais bem ouvida do que lida; melhor vista que descrita.

Aos poucos a infância do protagonista vai se desenrolando, bem como sua juventude e sua maturidade; de esmoleiro a professor, de professor a jagunço, de jagunço a chefe de bando e de chefe de bando a roceiro. Dito assim, linearmente, parece simples. Mas não o é. Através do diálogo solitário de Riobaldo, Rosa mistura à aparente simplicidade cronológica as complexidades de seus personagens, os amores impossíveis não vividos em silêncio, as paixões desfrutadas num momento, os desejos de justiça, os sentimentos de traição, as superações e, finalmente, as conclusões.

Ao fim da leitura, sobram sensações: surpresa, inquietude, desconforto e incerteza. E nada feito mais simples pelo fato de que entre a historiadora e a leitora há, ainda, a aspirante a cientista da religião. Termos como “longa duração”, “imaginário” e “mentalidade” veem à mente de imediato, mas em seguida parecem ser substituídos pelo eco insistente de uma pequena passagem: “... Mas morrer em combate é coisa trivial nossa; para que é que a gente é jagunço?!” (p. 293).

Trivial? Não há nada de trivial na morte em GSV. A poucas páginas do fim, ao contrário, ela é descrita em toda sua mórbida glória, como a chave mestra do segredo de Diadorim e do sofrimento de Riobaldo. E ao longo do romance, aparece em outras

tantas cores vívidas que pode ser adjetivada das mais diversas formas; nenhuma delas “trivial”.

Assim, escolhe-se para esse texto o tema da morte. A escolha tem por base a compreensão de que a obra narra a vida de Riobaldo e que a morte, enquanto fim e oposto da vida é parte intrínseca do relato e, portanto, possível fio condutor de uma apreciação. Além disso, espera-se poder mostrar que não se trata da morte distante. Ao contrário, ela é próxima — quase que íntima — permeada por elementos da religiosidade popular e que se sustenta sobre um imaginário tipicamente brasileiro: os rios, o sono, as velas e o enterramento são símbolos e práticas cujo significado só pode ser compreendido se levarmos em consideração a cultura em que se inserem e se multiplicam. Por fim, apresenta-se um comentário sobre as diferentes adjetivações que a morte em *GSV* pode receber — violenta, anunciada, melancólica e, sobretudo, estendida, enquanto leva consigo partes da história do narrador.

Antes, porém, pede-se licença para que se aponte o fato de que a crítica literária é um campo complexo e cheio de sutilezas. Embrenhar-se por seus caminhos é uma tarefa árdua e que para alcançar sua potencialidade depende de muito treino e muito estudo. Além disso, depende também de certo ouvido, como o ouvido religioso weberiano, que não se aprende. Não sendo esse o caso da autora, limita-se, então, a expor algumas ideias sem a pretensão de que se configurem como análise; sejam, antes, conjecturas.

## 1. MORTE E RELIGIOSIDADE POPULAR

Ante a passagem do tempo, Eros e Tanatos  
entram em acirrado combate. Entretanto, por  
mais complicados que sejam, os caminhos da  
vida conduzem à morte  
(OLIVEIRA, 2004: 24).

A morte é denominador comum da humanidade, mas não o morrer. O morrer — entendido quanto às maneiras de lidar com a morte — se constrói e se solidifica nas fronteiras da cultura e, portanto, assume diferentes formas. Observando a História e os diversos povos, verificamos que o sentido da morte não é sempre o mesmo. A maneira pela qual um povo enfrenta a morte ou os significados que lhe dá reflete, de certa forma, o sentido que ele confere à vida; sentido esse que, primordialmente, imbrica-se à esfera

religiosa, posto que depende das crenças locais tanto em relação ao destino do corpo quanto ao destino daquilo que o anima.

Então, seguindo esse raciocínio, podemos afirmar que em *GSV* vida e morte não apenas estão presentes como também se completam e servem de via de acesso à religiosidade presente no povo ali retratado. Das passagens que lidam com o tema, depreendemos, por exemplo, que no sertão se acredita em assombrações, espíritos dos mortos que voltam de seus túmulos para atormentar aos vivos, porque se acredita na alma e na continuidade da existência depois que finda a vida.<sup>15</sup> Por isso é que Geraldo Pedro, um obscuro jagunço das bandas do Hermógenes pode dizer a Riobaldo: “Aquele? Hoje ele não existe mais, virou assombração... Matei...” (p. 224).

Muito pouco de acordo com as normas cristãs do chamado catolicismo oficial, mas em harmonia tranquila com o catolicismo popular,<sup>16</sup> aquela que parece ser, nas páginas de Rosa, a religião mais comum entre os sertanejos, embora não seja a única alternativa viável. Ao contrário. Riobaldo logo de início nos mostra que, em se tratando desse tempo-espço insólito, as fronteiras entre as denominações e as práticas — tão caras aos teólogos distantes — tornam-se não apenas porosas, mas quase que irrelevantes.

Muita religião, seu moço! Eu cá não perco ocasião de religião. Aproveito de todas. Bebo água de todo rio... [...] Rezo cristão, católico, embrenho a certo; e aceito as preces de compadre meu Quelemém, doutrina dele, de Cardéque. Mas, quando posso, vou no Mindubim, onde um Matias é crente, metodista: a gente se acusa de pecador, lê alto a Bíblia, e ora, cantando hinos belos deles. Tudo me quieta, me suspende. [...] Olhe: tem uma preta, Maria Leôncia, longe daqui não mora, as rezas dela afamam muita virtude de poder. Pois a ela pago, todo mês — encomenda de rezar por mim um terço todo santo dia, e, nos domingos, um rosário. Vale, se vale. Minha mulher não vê mal nisso. E estou, já mandei recado para uma outra, do Vau-Vau, uma Inzina

<sup>15</sup> A existência da alma, na narrativa é amplamente discutida por conta do suposto pacto feito entre Riobaldo e o Diabo. O assunto é demasiadamente vasto e afastaria esse texto de seu propósito. Entretanto, não parece certo que se resvale no assunto e não se o mencione nominalmente. Além disso, pela força literária e pelo significado na trama, menciona-se ainda, em relação à existência da alma, a maneira como de Riobaldo descreve sua reação/sensação ao ver Diadorim se envolver na derradeira batalha: “... eu me, em mim, gemi: alma que perdeu o corpo” (p. 610).

<sup>16</sup> Definir *catolicismo oficial* ou *catolicismo popular* não é tarefa fácil, nem que se empreenda em uma nota de rodapé. Pressupõe analisar matrizes e superar dicotomias de uma realidade mutável e complexa. Assim, deixa-se aqui, apenas essa anotação e a sugestão de dois textos (entre tantos que lidam com o tema) que podem ajudar a compreender a discussão sobre o tema: *Religiões do povo no Brasil: pressupostos para uma leitura* (BRITO, 2010) e *Catolicismo Popular Tradicional e Ação Pastoral: Desafios e perspectivas no contexto da cultura contemporânea* (STEIL, 1998).

Calanga, para vir aqui, ouve de que reza também com grandes meremerências, vou efetuar com ela trato igual (p. 32).

Assim, pratica-se lá, um pouco de tudo. Vive-se a espiritualidade na experimentação. E, embora se morra cristão e pelos preceitos dessa religião se lide com o corpo garantindo-lhe a continuidade em alma, pode-se também, continuar no além-vida, preso à terra, voltando-se, dessa forma, para crenças que, estritamente, não se sustentam junto aos doutos em Bíblia.

Dessa, concluí-se que outra característica importante da religiosidade retratada por Guimarães Rosa é o destaque que ela dá a si própria na vida de cada um. Crer e praticar são atos importantes por si só; talvez até mais do que conteúdo das crenças e das práticas. Talvez por isso seja tão difícil engessar uma definição dessa religiosidade quanto o é construir uma barragem para um rio que, selvagem e teimoso, recusa-se a se deixar aprisionar.

## 2. IMAGENS DA MORTE EM *GRANDE SERTÃO: VEREDAS*

A imagem do rio não é aqui evocada ao acaso. Trata-se de um símbolo recorrente dentro da lógica da religiosidade popular e da vida do sertanejo como um todo e, por isso mesmo, presente em abundância na obra — desde as veredas em seu título. Além disso, trata-se também de um símbolo comumente associado à morte,<sup>17</sup> como se vê, por exemplo, no seguinte trecho: “Um ribeirão raso e estrito se passou — nem bem seis braços. Riacho desses que os que vão morrer chamam de rio-Jordão” (p. 479).

Outra imagem associada à morte é a do sono, a pequena morte. Apoiada na mitologia,<sup>18</sup> Clarissa de Franco, em seu livro *A cara da morte*, tece considerações sobre os pontos de contato entre essas duas experiências ao mesmo tempo tão distintas e tão

---

<sup>17</sup> Clarissa de Franco, em sua obra *A cara da morte* (2010), mostra como a ideia da travessia esteve associada à morte desde os antigos gregos até os modernos africanos e como essa crença parece permear o imaginário brasileiro acerca da morte (Cf FRANCO, 2010: 34-45; 75-76; 130-144). Em tempo: a menção aos modernos africanos também não é casual. Dissemos já que o catolicismo popular é a expressão religiosa que parece caracterizar de forma geral, o sertão. Agora, cabe mencionar que esse catolicismo tem, como matrizes, além do catolicismo dito oficial, práticas indígenas e, principalmente, ecos de crenças e práticas trazidas com os negros quando do período da escravidão. Assim, o fato de que uma imagem como a do rio — cuja origem remonta ao Mediterrâneo Antigo — encontra pares simbólicos no imaginário africano é notável e deve ser salientado, pois concorre para que esse sinal se torne conhecido e compreendido de forma quase que imediata.

<sup>18</sup> Para o mito de *Thanatos* (morte) e *Hypnos* (sono), ver FRANCO, 2010: 63-69.

próximas. Mais uma vez, em acordo com a hipótese da autora — de que enquanto brasileiros dividimos um imaginário semelhante a respeito da morte porque resultamos do mesmo caldo cultural/religioso —, encontramos em *GSV* essa associação; por exemplo, no relato da morte de um homem pelas mãos de sua esposa: “O marido passou, lá o que diz — do oco para o oção — do sono para a morte” (pp. 241-242).<sup>19</sup>

Entretanto, embora presentes, as imagens do rio e do sono não são as mais comumente atreladas à morte durante a narrativa de Riobaldo. Às velas cabe essa distinção. Em primeiro lugar, a vela é fonte de luz. E a luz mantém o caminho iluminado, tanto para os que ficam ao redor do morto, velando-o, quanto — quem sabe? — também para a própria alma que se despede do corpo; guia-lhe o caminho e lhe garante, de certa forma, o descanso eterno, salvando-lhe de permanecer em terra, como assombração. Em segundo lugar, a vela é fonte de calor. Ela aquece os que estão ao redor, absortos em prece, contemplação ou apenas em silêncio respeitoso e funciona como uma espécie de antídoto ao frio que emana da morte — tanto em termos físicos, com a queda da temperatura corporal, quanto em termos de imaginário. Em terceiro e último lugar, a vela é ligação direta com a igreja, os santos e, portanto, a salvação. Ao entrar-se numa igreja — católica, já que é do catolicismo popular que se trata, aquele cujo centro talvez seja precisamente o culto aos santos —, acende-se uma vela junto à imagem de um santo, reza-se pedindo proteção, auxílio ou agradecendo. Aqui, agarra-se à beira das saias da ortodoxia num mundo sem controle clerical. Algumas passagens em que se vê o bruxulear das velas:

Aqueles tropeiros, no Cururú, tinham achado o Santos-Reis, que morria urgente; tinham acendido vela, e enterrado. Febres? Ao menos, mais, a alma descansasse. A gente tirou o chapéu, em voto todos se benzendo (p. 79).

E nem um momento de vela acesa o Garanço não ia poder ter (p. 231).

Assunto que era o Acrísio, morto no meio; tôrto. Devia de ter passado sem tribulação. Agora não caçavam uma vela, para em provisão dele se ascender? (p. 355).

---

<sup>19</sup> Essa não é, porém, a única referência à ligação entre o sono e a morte. Entre outras, há uma bastante explícita que se encontra numa anedota contada por Riobaldo aos outros jagunços. Diz ele: “Tanto quanto riram, apreciando me ouvir, eu contei a estória de um rapaz enlouquecido devagar [...]: o qual não queria adormecer, por um súbito medo que nele deu, de que alguma noite pudesse não saber mais como se acordar outra vez, e no inteiro de seu sono restasse preso” (p. 441)

Os defuntos a gente foi levando para um cômodo pequeno e sem janela, que era pegado na escadinha do corredor. Alaripe apareceu com uma vela, acendeu, enfiada numa garrafa. Vela sozinha, para eles todos. Aí as lamparinas e candeias não bastavam? (p. 363).

O povo dali fugiu, por alguma guerra ou pressa, fecharam a igreja com um morto lá dentro, entre as velas... (p. 518).

O Quipes veio, com as velas, que acendemos em quadral (p. 617).

A vela parece, portanto, ser instrumento crucial na passagem da vida para a morte no sertão de Guimarães Rosa. Crucial, porém não único. Depreende-se, principalmente da descrição da morte de Santos-Reis que somente o velar não é suficiente para garantir o descanso da alma. O enterramento em si parece ser a última provisão a ser tomada — até para que se evite o transtorno das assombrações já mencionadas. Essa convicção se sustenta, por exemplo, em passagem de João José Reis, citada por Clarissa de Franco em *A cara da morte*:

As pessoas para quem não se observam os ritos funerários são condenadas a uma penosa existência, pois nunca podem entrar no mundo dos mortos ou se incorporar à sociedade lá estabelecida. Eles desejam ser incorporados ao mundo dos vivos, e porque não podem sê-lo, se comportam em relação a ele como forasteiros hostis. [...] Ademais, estes mortos sem lugar ou casa, às vezes, possuem um desejo intenso de vingança (João José Reis Cf FRANCO, 2010: 137).

### 3. O ENTERRAMENTO EM *GRANDE SERTÃO: VEREDAS*

Além de conter o espírito do morto e funcionar como porta de entrada para o mundo do pós-morte, o enterramento tem ainda outra função: permite que se fixe um local (o túmulo) em que a memória do falecido seja mantida; afinal, o esquecimento é perigoso. Entretanto, mais perigoso que esquecer é profanar a memória. Assim, embora o túmulo tenha seu papel dentro da lógica do enterramento, não se trata — como se pode supor no meio urbano crivado por cemitérios cujos túmulos são verdadeiras obras de arte — do ápice do ritual.

Esse complicado jogo que lida com o visível e o invisível da morte pode ser visto, por exemplo, quando Medeiro Vaz se decide por combater as injustiças do sertão e queima sua propriedade até que dela restem apenas cinzas, deixando para trás seu passado, esquecido. Antes de ir, contudo, lhe resta uma última tarefa: garantir que o túmulo de sua mãe e seus antepassados não seja profanado, vez que a terra em que a partir de então se encontrariam, não teria mais donos.

Da mesma forma, quando Diadorim morre, Riobaldo faz questão de enterrá-la em cova separa daquela preparada para os demais jagunços que tomaram na batalha. Há de se preservar sua memória e singularidade. Entretanto, mais do que isso, há de se evitar que saqueadores ou bandidos outros desenterrem seu corpo. Logo, é melhor que não se marque o lugar nem com uma pedra sequer.

É nesse sentido que se pode afirmar que, embora o túmulo enquanto lugar de preservação da memória seja importante e funcione como uma função do enterramento, não é, de forma alguma, preocupação central quando se trata do tema da morte. Assim, não é sobre um monumento que Diadorim indaga quando Joca Ramiro é morto; aliás, parece que não há essa necessidade nem para que o sertão se lembre de seu maior líder. A questão é saber se seu corpo foi enterrado como mandam as normas religiosas e, por conseguinte, se seu espírito poderá encontrar paz sem medo que sua antiga morada seja profanada.

Joca Ramiro morreu sem sofrer. — “E enterraram o corpo?” — Diadorim perguntou, numa voz de mais dôr, como saía ansiosa. Que não sabia — o Gavião-Cujo respondeu; mas que decerto teriam enterrado, conforme cristão, lá mesmo, na Jerara, por certo (p. 315).

Toda moeda tem um verso e um averso. Se Riobaldo e seus jagunços sabem da importância de se enterrar o corpo para se garantir ao espírito as honras que lhe aguardam depois da morte, sabem também que negar o enterramento a um cristão é negar-lhe essas regalias. Assim, durante toda a narrativa, joga-se com esse ponto, quase como se, ao decidir por baixar um corpo a terra ou não, o ser humano pudesse, por pequenos instantes, brincar de Deus, passar ele mesmo a sentença em um Julgamento que, se não é Final, ao menos o precede ou emula. Aos justos, a recompensa; aos ímpios, a condenação.

Mas não se deixa um cristão amigo deitar seu sangue no capim das môtas, feito um traste roto, caitutú caçado (p. 231).

Por mais, o corpo ali ficava, para o ar do *raso*. Sumimos de lá, há-de que tocávamos, adiante (p. 530).

O Ricardão arriou os braços, deu o meio do corpo, em bala varado. Como no cair, jogou um perna para lá e para lá. Como caiu, se deitou. Se deitou, conforme quase não estivesse sabendo que morre; mas nós estávamos vendo que ele já morto já estava. [...] — “Não enterrem este homem!” — eu disse (p. 574).



#### 4. DIFERENTES CATEGORIAS PARA A MORTE?

Entre imagens, práticas e desdobramentos da morte, aparece também em *GSV* ainda outro aspecto ligado à morte que podemos mencionar. Trata-se de seu impacto ou da percepção que se faz do acontecimento. Há, claro, diversas mortes que podemos chamar de honrosas, as mortes dos jagunços em batalhas, lembrando-nos claramente de uma moral cavaleiresca comum em sociedades bélicas e não apenas entre os nobres medievais. Entretanto, tentar classificar cada uma delas é tarefa pouco produtiva, posto que o impacto maior está nas mortes de apenas três (ou quatro) personagens: Medeiro Vaz, com a morte melancólica; Joca Ramiro (e Hermógenes), com a morte violenta e Diadorim (e Hermógenes), com a morte anunciada.

A morte de Medeiro Vaz é, entre a de outros personagens importantes para a trama do livro, a única morte que pode ser chamada de morte morrida, posto que advinda de causas naturais. Anticlímax para a história de um cavaleiro sertanejo medieval, cujo único objetivo era a justiça. Protótipo do herói,<sup>20</sup> não se espera que ele vá de maneira tão melancólica, num dia de chuva, amarelado. Ter-se-ia imaginado que tombaria cercado de inimigos, a pistola ainda nas mãos, talvez na tentativa de salvar uma inocente donzela ou um injustiçado plebeu... Ou ainda, apunhalado pelas costas por algum falso amigo, como acontecera a Joca Ramiro.

Assim, o que faz da morte de Joca Ramiro um evento trágico não é o fim de sua vida em si, mas o modo como ele chega. Trata-se da chamada morte matada, da morte violenta, do assassinato. Pior, de um ato injustificável cometido por um assassino traidor. Hermógenes evoca, dessa maneira, a imagem de Judas e todo o asco que um povo cristão pode sentir dessa personagem. E, embora aquele a quem traiu tenha morrido sem sofrimento (cf. p. 315), seu crime é imperdoável. Apenas seu sangue pode remediar a ferida causada pela injúria sem nome.

Talvez nesse sentido, a morte violenta seja um prelúdio para a morte anunciada. Ao morrer Joca Ramiro, anunciou-se a morte de seu assassino e, por consequência, colocou-se a possibilidade de que também seu vingador perdesse a vida. Trata-se de uma trama bastante comum na literatura e de um enredo muitas vezes registrado pela

---

<sup>20</sup> Diz Mario Sergio Conti (2006, s/p): "... Gente muito douta diz que Medeiro Vaz é o verdadeiro herói do caso que Riobaldo caudaloso conta. [...] O herói que deixa de ser ele mesmo e se torna todos. Dele se diz que seria Carlos Magno, ou D. Quixote, ou São Francisco às avessas, ou os gregos todos, trágicos: sobre o sertão espesso, o herói que edifica obra humana".

História. Vinganças, *vendettas*, dívidas de sangue; os nomes variaram geográfica e cronologicamente, mas nunca deixaram de existir por completo.

Em relação a Diadorim, porém, o anúncio de sua morte não está apenas em sua jura de vingar o pai; está também na própria forma como o autor narra, através dos lábios de Riobaldo, a cena em que ela, ainda travestida, investe contra Hermógenes. Quando sabemos que Diadorim procura pelo criminoso, ficamos também sabendo qual é o resultado da briga, mesmo que esse não tenha ainda sido explicitamente descrito.

Por fim, apontemos para a morte estendida: cada morte leva consigo uma parte da história de outrem. Assim, a cada jagunço que cai, um pedaço da história de Riobaldo também tomba. Quando Joca Ramiro deixa de respirar, toda sua história é alterada; quando Medeiro Vaz expira, sua não existência estende-se a Riobaldo que pela primeira vez é tocado pelo tema do poder e, quando chega a vez de Diadorim, parece que nos é negado o epílogo; não há como continuar a narração; o fim estende-se por todo ser de Riobaldo e chega ao leitor através de suas lágrimas e poucas palavras.

## CONCLUSÃO

Ah, o senhor pensa que morte é choro e sofisma  
— terra funda e ossos quietos... O senhor havia  
de conceber alguém aurorear de todo amor e  
morrer só para um (p. 608-609).

*GSV* é uma história de amor; um amor impossível feito possível quando impossível e um amor manso, realizado, sacramentado. É uma história de aventura; desbrava-se terras pouco conhecidas, encontram-se pessoas diferentes e travam-se batalhas sangrentas. Entretanto, é também — e essa dimensão não deveria ser esquecida — uma história de mortes. Mortes que falam de almas atravessando rios, caindo no sono eterno ou sendo veladas por amigos queridos deixados para trás. Mortes violentas, melancólicas, anunciadas, honrosas e estendidas. Mortes matadas e mortes morridas.

As mortes são tão parte do enredo que nem sempre chocam ou fazem pensar no mórbido, mas sempre tão encaixadas e ricamente contadas que não se pode ignorá-las ou deixar de se questionar sobre seus significados. São mortes comuns e espetaculares como todas, prova de que o autor da obra conseguiu, através da palavra impressa, chegar perto de, em seu livro, “dar uma súmula da experiência humana” (ARRIGUCI, 2006:2); até porque, não há nada mais humano e menos trivial do que a morte, instância

última que nos remete às mais profundas crenças religiosas de um povo e que serve, portanto, de via de acesso para a compreensão de sua religiosidade.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARIÈS, Philippe. *História da morte no Ocidente*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
- ARRIGUCI, Davi. Sertão: mar e rios de histórias. In: *O Estado de São Paulo. Grande Sertão: Veredas. 50 anos*. Sábado, 27 de maio de 2006. pp. 2-3.
- BRITO, Ênio José da Costa. Religiões do povo no Brasil: pressupostos para uma leitura. In: AUGUSTO, Adailton Maciel (coord.). *Ainda o Sagrado Selvagem*. São Paulo: Fonte Editorial; Paulinas, 2010. pp. 341-368.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. 20ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.
- CONTI, Mario Sergio. As gentes. In: *O Estado de São Paulo. Grande Sertão: Veredas. 50 anos*. Sábado, 27 de maio de 2006, s/p.
- FRANCO, Clarissa de. *A cara da morte: os sepultadores, o imaginário fúnebre e o universo onírico*. Aparecida: Ideias & Letras, 2010.
- LEMONS, Carolina Teles. O perfil de uma benzedeira: aliança entre chás, “provas” e partos no cotidiano da vida camponesa. In: AUGUSTO, Adailton Maciel (coord.). *Ainda o Sagrado Selvagem*. São Paulo: Fonte Editorial; Paulinas, 2010. pp. 302-320.
- LEXICON, Herder. *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro: Cultrix, 1998.
- LIBERATI, Bruno. Quem tem medo de Guimarães Rosa? In: *Jornal do Brasil. Ideias & Livros. O ano Rosa*. Sábado, 18 de fevereiro de 2006, s/p.
- OLIVEIRA, Maria Abreu de. Armadilhas do olhar: ciência e segredos na relação de Riobaldo e Diadorim. In: *VERBO DE MINAS-LETRAS*, v.5, n.9. Juiz de Fora, 2006. pp. 23-32.
- ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. 19ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- STEIL, Carlos Alberto. Catolicismo Popular Tradicional e Ação Pastoral: Desafios e perspectivas no contexto da cultura contemporânea. In: *Teocomunicação*. vol. 28, n.119. Mar. 1998. pp. 87-104.